

## FOLIA DE REIS ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES.

Jorge Luiz Dias Pinto \*

**Resumo:** Este texto analisa e interpreta a Folia de Santo Reis, representado na festa de Santo Reis, levando em consideração o envolvimento do devoto, que são integrantes do catolicismo e foliões. Tem-se como objetivo perceber quais as influências culturais dessa festa na transmissão, ordenação e normatização da vida cotidiana dos seus devotos. Com textos de Roger Chartier, a respeito das representações, e Michel de Certeau, que trata de normatizações e ordenações entre diferentes grupos, buscaremos analisar a festa e seus aspectos referentes à significação da vida de seus participantes.

**Palavras-chaves:** Folia de Reis; Práticas e Representações.

**Abstract:** This text analyzes and interprets the Revelry of Saint Kings, represented in the party of Saint Kings, leading in consideration the involvement of devout, what are the members of Catholicism and reveler. It has as objective realize which the influence cultural of this party in transmission, ordering and normalization of daily live of her devotees. With texts of Roger Chartier, the regarding of representations, and Michel of Certeau, what treats of standardizations and ordinations among different groups, will find examine the party and your referring aspects to the significance of your participants life.

**Key-words:** Revelry of Saint Kings; Practices and Representations.

Entendo que as formas culturais podem ser analisadas caracterizando uma infinidade de contornos, motivos e intercâmbios pluridisciplinares, o acontecimento da festa, em nossa contemporaneidade, pontua e povoa a memória e a prática dos indivíduos em todas as sociedades. Na festa, na folia e no folguedo pode se observar traços reveladores da dinâmica cultural, assim como dos agentes e produtores de cultura que desfrutam e dela participam.

No que se refere à Folia de Reis, Câmara Cascudo (1984) compreende essa manifestação popular como originária de Portugal. Segundo ele, as Falias foram festas populares, de origem européia, dedicadas aos três Reis Magos em sua visita a Jesus, o Deus menino, e ainda vivas em vestígio visíveis. Na península Ibérica, os reis continuam vivos e comemorados, sendo a época de dar e receber presentes. Os “reis”, de forma espontânea ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde ou noite de 05 de janeiro (véspera de reis) cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos a data e solicitando alimentos ou dinheiro.

---

\* Universidade Estadual de Maringá; Mestrando em História (PPH/UEM); Fundação Araucária.

As festas demonstram formas de aprendizagem de determinados grupos, pois voltam a ensinar aos homens a sacralidade dos modelos. Mas não se fecha apenas nessa estrutura de conhecimento. Para Mircea Eliade (2001), reviver esse tempo sacralizado tem uma função exemplar e um valor.

*(...) Os participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico. Em outras palavras, “saem” de seu tempo histórico – quer dizer, do tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e intrapessoais – e reúnem-se ao Tempo primordial, que é sempre o mesmo, que pertence à Eternidade. O homem religioso desemboca periodicamente no Tempo mítico e sagrado e reencontra o Tempo de Origem, aquele que “não decorre” – pois não participa da duração temporal profana e é constituído por um eterno presente indefinidamente recuperável. (ELIADE, 2001:79)*

Dessa maneira observamos o homem religioso demonstrando a necessidade de reviver esse real através das festas e demonstrando a importância destas para a transmissão do seu legado.

Segundo Chartier (2002), as noções de “práticas e representações” são úteis, porque através delas podem-se examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive através da consolidação de seus costumes.

*(...) à noção de “representação coletiva” autoriza a articular, sem dúvida melhor do que o conceito de mentalidade, três modalidades da relação com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (...) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 2002: 73)*

As práticas culturais, assim, representam o modo como, em uma determinada sociedade, os homens se comunicam, comem e bebem, sentam-se e andam, tratam seus parentes ou recebem foliões em suas casas, ou seja, os modos de vida; as atitudes ou normas de convivência. As representações culturais, nesse caso, podem ser observadas como as visões de como o sagrado se manifesta, como é determinado o tempo para sagrado para essa determinada sociedade, ou mesmo a relação dessa peregrinação para os foliões com as famílias que são visitadas. Para Chartier (2002), as práticas são produzidas pelas representações por meio das quais os indivíduos fornecem o sentido ao mundo que é deles.

As noções de práticas e representações são úteis, porque através delas pode-se examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive através da consolidação de seus costumes.

Para nossa pesquisa a análise de um grupo de Folia de Reis e sua festividade busca identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é formada, pensada e pode ser observada.

Dessa maneira de acordo com Roger Chartier (2002) e utilizando em nossa pesquisa em que abordamos a festa de Santo Reis, temos a possibilidade de analisar as representações tendo de um ponto a “incorporação sob forma de categorias mentais das classificações da própria organização social”, e de outro, “como matrizes que constituem o próprio mundo social, na medida em que comandam atos e definem identidades” (CHARTIER, 2002:72).

Tendo como referência Michel de Certeau (1982), podemos notar em rituais formalidades que podem ser compreendidas como processos de transição e tipos de mobilidade "ocultos" no interior de um sistema que, entretanto, se mantém objetivamente; uma articulação possível entre os princípios investidos na prática e as teorias que se elaboram na produção "filosófica" e de um modo mais geral, relações entre sistemas (momentaneamente ou por muito tempo) coexistentes, não-redutíveis um ao outro, nem localizáveis em um dos níveis de uma estratificação social, nem susceptíveis desta hierarquização maniqueísta que classifica uns ao lado do "progresso" e outros entre as "resistências".

*(...)uma nova formalidade das práticas permite apropriar estas transformações estruturais, ao nível das condutas religiosas e de seu funcionamento, sem ter, necessariamente, que passar pelas ideologias que uma elite intelectual elabora.” (CERTEAU, 1982:128).*

Buscando a concepção de práticas de Michel de Certeau, analisamos dois tipos, sendo que o primeiro identifica como “maneiras de fazer” das práticas menores, ou seja, não fundadoras em relação aos produtos culturais difundidos e impostos pelas práticas organizadoras das instituições normativas de uma sociedade. O que diferencia uma prática da outra são os procedimentos que empregam para, de um lado, produzir cultura e, de outro, consumi-la. As práticas culturais valem-se de procedimentos estratégicos pelos quais circunscrevem um “lugar” como próprio, a partir do qual se relacionam com a exterioridade.

*Como na literatura se podem diferenciar “estilos” ou maneiras de escrever, também se podem distinguir “maneiras de fazer” – de caminhar, ler, produzir falar, etc. Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível (...), mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro. (CERTEAU, 1994:92)*

A Folia de Reis como prática produtora de cultura, tem o poder de organizar, de reorganizar e de pôr em situação de confronto os diversos discursos, bem como de servir de suporte para que os chamados “discursos fundadores” sejam constantemente comentados, ressignificados e/ou deslocados. O que caracteriza, pois, a festa é o fato de ela exercer uma prática estratégica, uma vez que *“postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta”* (CERTEAU, 1994:46).

Dada essa condição, a festa e seus integrantes podem exercer seu poder pelo saber que detém, saber esse que se realiza por intermédio de uma série de procedimentos do tipo “estratégias” – dispositivos, instrumentos, técnicas – que lhe confere um lugar próprio de onde intervém na sociedade, propondo a esta uma compreensão que pode ir desde o simples relato de um acontecimento até uma reflexão sobre os aspectos definidores de sua identidade.

Dessa maneira podemos entender que pesquisas e dissertações em que usam os rituais das festas podem esclarecer várias formas de representação. Para Chartier (2002), as lutas de representações têm grande importância para a compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio e situando os conflitos de classificação ou de delimitações como pontos tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. Segundo Roger Chartier (2002), as práticas são produzidas pelas representações por meio das quais os indivíduos dão sentido ao mundo que pertence a eles. Sendo assim, podemos observar as festas de Santo Reis como formas de representações de uma determinada comunidade, presentes em versos cantados por foliões, roupas, símbolos entre outros pontos que compõe a festividade.

## REFERÊNCIAS:

- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Trad. Efraim Ferreira Alves, 2. ed, Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **Á Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.